

EDITORIAL

Educação: violência neoliberal e neoconservadora, “Força Chape” e resistência ativa

Education: neoliberal and neoconservative violence, “Força Chape” and active resistance

Educación: violencia neoliberal y neoconservadora, “Fuerza Chape” y resistencia activa



Maurício Roberto da Silva
mauransilva@gmail.com

Ivo Dickmann
educador.ivo@unochapeco.edu.br

Maria de Lourdes Bernartt
marialbernartt@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapécó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L.

Educação: violência neoliberal e neoconservadora, “Força Chape” e resistência ativa.

Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 7-15, set./dez. 2016.



*Nos barracos da cidade
Ninguém mais tem ilusão
No poder da autoridade
De tomar a decisão
E o poder da autoridade, se pode,
Não faz questão
Mas se faz questão, não
Consegue
Enfrentar o tubarão
Ôôô, ôô
Gente estúpida
Ôôô, ôô
Gente hipócrita
E o governador promete, Mas o sistema diz não
Os lucros são muito grandes, Grandes ie, ie
E ninguém quer abrir mão, não
Mesmo uma pequena parte
Já seria a solução
Ôôô, ôô
Gente estúpida
Ôôô, ôô
Gente hipócrita
Ôôô, ôô*

(Música “Nos barracos da cidade de Gilberto Gil”)



Esta edição refere-se ao último número da Revista Pedagógica em 2016. Nesse sentido, acompanhamos de perto, no ano que passou, a dramática crise ética da política brasileira, que já vem de muito tempo e que se acentua a partir de 2013 com o advento das chamadas “Manifestações de Junho”, que se constituem num marco da ascensão da onda conservadora e neoliberal. Podemos dizer que se trata de um “país sem rumo” e com “surpresas” para 2017, tendo como mote concreto a continuidade da “violência” dos ataques e destruições neoliberais do governo em exercício, Michel Temer. De acordo com diversos analistas, são enormes os gargalos que os brasileiros estão enfrentando e enfrentarão em 2017. Os prognósticos apontam para medidas e ações tímidas para frear os juros, o desemprego e a retomada do crescimento. O rumo que se vislumbra é o retrocesso e o entreguismo e, fundamentalmente, a ameaça ao bem-estar da Nação coma provação da PEC 55, também cognominada de “PEC da Morte”.

Some-se a tudo isso, os golpes contra o patrimônio público, cujo projeto do tucano José Serra e, que, portanto, libera estados, municípios e União em transformarem dívidas e imóveis em papéis no mercado. Vale destacar que que essa medida já fora criticada pelo fato de dar muitas vantagens aos operadores no mercado financeiro e ônus para as instituições públicas¹. Todas essas investidas destrutivas do governo Temer e sua “gente estúpida” e “gente hipócrita”, são oriundas de um “saco de maldades” prometidas desde o início do Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016. O golpe trouxe um corolário de barbáries e violências, que se consubstanciam com que já evidenciamos em outros editoriais – a cultura do ódio que, por sua vez, caracteriza-se pela intolerância e “ódio de classe”, gênero, raça/etnia, geração e outros, cujo início se dá em junho de 2013 e agudiza em 2016. Todo esse processo imposto pela anti-política, vem acompanhado de “fascismo e exceção”, reproduzindo, cotidianamente, repressões, ilegalidades e provocando, assim, as “águas turvas das tramas e das inseguranças sociais, políticas e jurídicas desde a derrubada da Presidenta Dilma².

Com efeito, a trama do fascismo veio acompanhada com o golpe, ganhando contornos visíveis e insofismáveis nos atropelos e desrespeito às leis e à Constituição de 1988. Todo esse quadro de violência e destruição da democracia, pode ser acompanhado na “mídia golpista”, principalmente Rede Globo de Televisão e nas diversos periódicos redes sociais. Nessas mídias, pode-se perceber, nitidamente, o espetáculo dantesco, caracterizado pelas vistas grossas que o judiciário tem feito às ações como invasões de reuniões de partidos, da escola do MST, das escolas ocupadas por estudantes. Tudo isso é conspirado a partir da autorização judicial para técnicas de tortura, ou mesmo na “impunidade de juízes e policiais que se igualam a contraventores e criminosos na sanha quase messiânica – e falso moralista – do combate à corrupção e ao crime”.

¹ REVISTA CAROS AMIGOS, Ano XIX/
n. 237, jan. 2016.

² REVISTA CAROS AMIGOS, Ano XIX/
no. 238, jan. 2017.

³ BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Russel; Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10.

⁴ BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Russel. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10.

⁵ IANNI, Otavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização, 2004, p.9.

Todas essas atitudes violentas, engendradas pela simbiose entre conservadorismo e neoliberalismo, podem ser compreendidas como formas de “violência sistêmica” “violência objetiva”, ou seja, da “violência inerente a um sistema: não só da violência física, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e exploração, incluindo a ameaça de violência”. É uma violência real, cujos pressupostos se sustentam a partir da lógica do capital e suas destruições (degradação ecológica, pobreza, direitos dos trabalhadores entre outras). Nessa mesma direção, podemos dizer que a violência contra os povos indígenas, possui em seu bojo um poder, que se consubstancia a partir das “produções simbólicas como instrumento de dominação”³, que se traduzem em poder simbólico e, conseqüentemente, da violência simbólica como forma de dominação pela classe dominante. Esse processo se dá, como uma forma de imposição e coação, que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada (econômica, social ou simbólica). A violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico, como instrumento de dominação pela classe dominante, que opera com a possibilidade de as crenças dominantes imporem valores, hábitos e comportamentos sem recorrer necessariamente à agressão física, criando situações onde o indivíduo que sofre a violência simbólica sinte-se inferiorizado⁴.

Retomando a questão da violência engendrada pelo governo em exercício, Michel Temer, vale ressaltar que se trata de um governo com uma pauta ultraneoliberal que solapou e pôs em risco a democracia. Aliás, vale complementar, trata-se de um governo que prioriza o capital. Nesse sentido, convém lembrar que o capitalismo “pode ser visto como uma imensa fábrica e complexa fábrica, influenciando direta e indiretamente as condições de vida e as perspectivas de indivíduos e coletividades, povos e nações em todo o mundo”. De fato, trata-se de uma fábrica que, “como toda fábrica, literal e metaforicamente, gerenciada por poucos, em benefício de alguns, em benefício de alguns e em prejuízo de muito. Suas realizações revelam-se notáveis, às vezes edificantes, muitas vezes terríficas”⁵. Nessa linha de reflexão, é essencial destacar que, contraditoriamente, “em geral o capitalismo tem sido visto como emblema do progresso, evolução e modernização, bem como da democracia e cidadania. Mas tem sido visto também como o emblema da decadência, pauperismo e intolerância, bem como da tirania e barbárie. Parece uma fábrica enlouquecida, com a qual se produzem coisas e ilusões, tanto quanto guerras e destruições”.

Todo esse quadro de destruições, pode ser chamado de “desordem mundial” com suas crises, guerras e golpes promovidas pelo velho imperialismo, que se espalha pelo mundodestruições sobretudo, a partir da vitória de Donald Trump. Tanto aqui no Brasil, com Temer quanto nos Estados Unidos com Trump e alguns países da Europa, tudo conspira para o ódio contra os migrantes, militarização da

segurança pública e vigilância, guerras terceirizadas, guerra ao terror, racismo, homofobia e misoginia, hiper-exploração da força humana de trabalho, destruição dos direitos trabalhistas, violência policial, autoritarismo, repressão e criminalização dos movimentos sociais e sindicais, golpes de Estado transvestidos de legais, e, aliado a tudo isso, a ingerência nefasta da mídia fascista e golpista. Esta aposta no terrorismo midiático da “sociedade do espetáculo” para difamar sem provas e derrubar as lideranças progressistas brasileiras e da América Latina.

Em contrapartida, vale lembrar que em meio a todo esse quadro de violência (violenta escalada de repressão pós-golpe), fascismo e exceção, se insurge, para além da cultura do medo e do ódio de classe, o levante por direitos e a resistência ativa dos trabalhadores em reação ao governo Temer e sua pauta ultraneoliberal.

Um exemplo emblemática de reação entre outros está a juventude secundarista, que partir da liderança da estudante Ana Júlia, emerge contra a Escola Sem Partido ao dizer que: “a Escola sem Partido nos insulta, nos humilha, nos fala que não temos capacidade de pensar.” Essa luta estudantil secundarista com suas práticas de nacionalização das táticas de ocupação impôs um desafio aos dispositivos de repressão e aos governos de diferentes estados, principalmente, com truculência, aumentando, assim, uma sofisticação e um endurecimento do autoritarismo, repressão e criminalização dos movimentos sociais de todos os matizes⁶.

Esses jovens secundaristas estão dando exemplo de resistência contra o neoconservadorismo e lógica neoliberal, que ameaçam às políticas públicas, sociais educacionais. Eles colocaram na prática concreta o conceito de “resistência ativa”. Ela deve ser compreendida como uma “atividade teórico-prática ou forma de luta consciente, que reflete uma estratégia ou uma arma de luta contra as políticas públicas educacionais de caráter neoliberal que predominam no cenário atual”. Trata-se de uma organização coletiva e de caráter propositivo; uma forma de resistência que procura ultrapassar o âmbito do direito de apenas discordar (resistência passiva). A resistência ativa representa a efetiva participação dos trabalhadores para resistirem à tendência dominante, mas formulando e apresentando alternativa concreta de mudança social, política e econômica. Essa forma de resistência tem suas raízes na pedagogia crítica e representa uma possibilidade de reverter à situação, pelo conteúdo e pela forma de mobilização.⁷

De fato, os estudantes, juntamente com esses movimentos e organizações, estão sendo desafiados a se fortalecerem cada vez mais e a se reinventarem nessa nova conjuntura. Quanto a esse respeito, vale salientar que os sindicatos já perceberam os riscos que correm os direitos trabalhistas e começaram a construir uma greve geral. Também, nessa direção, as centrais sindicais estão se articulando em termos de uma agenda unitária. Além de

⁶ LE MONDE DIPLOMATIQUE. **As ocupações se espalham**. Ano 10/n. 112, Nov. 2016, p.4.

⁷ VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Dermeval Saviani: pesquisador, professor e educador**. Belo Horizonte: Autêntica/Autores Associados, 2011. Cf. Editorial da revista Motrivivência, n. 49, 2016.

todo esse potencial de resistência, outros grupos estão se mobilizando contra a violação dos direitos à duras penas conquistados e ódio de classe, raça/etnia, geração, gênero e outros, que se traduzem de forma violenta em forma de discriminações, racismos e preconceitos contra negros, indígenas e homossexuais etc. Em suma, a ocupação dos jovens nas escolas, aliada a essas outras formas de resistência dos adultos trabalhadores, se constituem, juntamente, com a “Frente Brasil Popular” e a “Frente Povo Sem Medo”, numa forma de resistência a chamada onda conservadora e neoliberal; que espolia e solapa os direitos da “cidadania em construção”⁸.

⁸ LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Editorial: O Brasil será o Paraná?** Ano 10, n. 112, nov. 2016, p. 3.

Todo esse processo de resistência contra a onda neo-conservadora e neoliberal, criativamente organizado pelos estudantes secundaristas, ensina-nos, direta e indiretamente, como “resistir ao golpe e reinventar os caminhos da esquerda” partir da confluência de vários e diversos movimentos sociais. Com efeito, esses estudantes lutadores nos ensinam que:

É preciso reinventar caminhos da esquerda na confluência de vários movimentos e tradições de diversas. Nesse trajeto, é importante a humildade de respeitar as formas históricas que os trabalhadores construíram em sua luta, mas sem perder a ousadia e expressa nos novos movimentos. Esse desafio não será alcançado sem o estímulo a amplas mobilizações: um novo projeto para a esquerda só poderá surgir “a quente”, do caldo de lutas massivas.⁹

⁹ LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Editorial: O Brasil será o Paraná?** Ano 10, n. 112, nov. 2016, p. 3.

Nessa edição, a capa da Revista Pedagógica é um ato de solidariedade com a dor das famílias dos componentes do time da Chapecoense, dos profissionais da imprensa e demais tripulantes do voo que se transformou numa tragédia de repercussão mundial. A morte das 71 vítimas parou a cidade de Chapecó por vários dias, todos atônitos e chocados com a notícia que, inicialmente, parecia inacreditável, tendo em vista a caminhada vitoriosa que o time vinha fazendo estava criando uma sinergia muito forte com a comunidade do Oeste Catarinense, bem como de representação do país no torneio internacional de futebol.

O sentimento de luto foi coletivo, as pessoas se encontravam em todos os lugares e o assunto era um só. Por vários dias a comunidade travou, aulas foram suspensas nas escolas e universidades, faixas verdes e pretas estavam presentes nas fachadas de prédios, do comércio, nos carros, nas camisetas... Todos estavam vivendo o luto... Morriam diversos jogadores de futebol e profissionais da imprensa para nascer um grupo de guerreiros e heróis.

No meio de todas as notícias do desastre, algumas luzes de esperança se acendiam: havia sobreviventes! Entre todos os caixões que voltaram para casa, havia a expectativa de

retornar alguns com vida, contando do momento da queda do avião, esclarecendo dúvidas, matando a curiosidade de todos e renovando o milagre da vida. Ninguém jamais esquecerá os abraços dos filhos nos pais que retornaram, verdadeiros sobreviventes, parecia que todos eram uma só família. Choramos todos juntos ao perder pessoas com os quais nos identificávamos enquanto torcedores e telespectadores, e sorrimos todos juntos com o retorno dos que “nasceram de novo” ao sobreviver.

O velório coletivo no estádio municipal Arena Condá, transmitido ao vivo por diversos órgãos da imprensa nacional e internacional, foi o momento derradeiro, o adeus que faltava para que todos pudessem recomeçar. Carregado de simbologia e mística, todos puderam se despedir de seus entes queridos, familiares e comunidade em geral, para a reconstrução – do time e de todos nós.

Importante salientar os gestos dos colombianos em solidariedade com o povo chapecoense, deixando de lado a rivalidade da grande decisão, inclusive declarando a Chapecoense campeã do torneio que seria disputado. Essa tragédia também aproximou Brasil e Colômbia, tornou Chapecó e Medellín cidades-irmãs¹⁰ e agora o povo desse município com cerca de 200 mil habitantes, aos poucos, vai retomando a rotina normal. Em 2017 haverá outras partidas de futebol, um novo time está sendo montado, os torcedores voltarão à Arena Condá, sentirão orgulho do clube que representa a cidade, o estado e o país nos torneios nacionais e internacionais, e devagar tudo ficará na memória, como uma relíquia do passado, dando mais força para gritar nas arquibancadas: Vamo, vamo, Chape! Vamo, vamo, Chape!

* * *

O primeiro texto da seção *Artigos*, de autoria de Ramón Bedolla Solano e sua equipe (Universidade Autónoma de Guerrero – UAGro, México), trata da análise do currículo entre outros atores do processo educativo para identificar o eixo ambiental, resultado de pesquisa em instituições educacionais para perceber a presença das questões socioambientais: “Os resultados desta análise mostrou que o elemento ambiental é pouco abordado no currículo das instituições pesquisadas”.

O segundo artigo, “De pesquisado para pesquisador”, de Olinda Evangelista (UFSC), Jocemara Triches (UFSC) e Kamille Vaz (UFSC), trata da produção sobre política e gestão educacional na Anped-Sul, entre 1998 a 2014. Refere-se a uma investigação no GT Políticas Públicas e Gestão Educacional da Anped-Sul, abordando os desafios aos pesquisadores, especialmente no que se refere ao sincretismo teórico-metodológico.

A “Educação não formal nas instituições sociais” foi o título escolhido por Maria da Glória Gohn (UNICAMP), para refletir criticamente sobre os processos pedagógicos fora da escola e o perfil do educador nesse processo, em

¹⁰ Disponível em: <https://www.chapeco.sc.gov.br/arquivos/385>

seis âmbitos: “adelimitação do conceito, o campo de abrangência, problemas relativos à metodologia de aplicação, o educador social, o perfil do educador, e os locais onde se desenvolvem as práticas da educação nãoformal.”

O próximo texto, de autoria de Keith de Barros Munari (UMESP-SP) e Zeila de Brito Fabri Martini (UMESP-SP), versa sobre a “Constituição da profissionalização: uma perspectiva a partir da subjetividade docente”, tendo como eixo central buscar compreender os dados de uma pesquisa que visava compreender a escolha da profissão docente e a permanência nela: “Como resultado mais representativo, a análise dos dados apresentou à constituição da profissionalização docente aspectos pautados na afetividade, concomitantemente traduzidos como competências profissionais.”

O quinto artigo, de Michel Thiollent (UNIGRANRIO), ao abordar a subjetividade dissidente de Antonin Artaud, busca compreender a partir de suas produção intelectual e artística, sinais que atravessa o tempo para entender “as atuais formas de contestação”.

O artigo de Ângelo Ricardo Souza (UFPR), intitulado “Política de democratização da gestão educacional no Brasil”, dialoga com o novo Plano Nacional de Educação, falando do pouco debate entre Estado e sociedade civil quando se trata das políticas de planejamento educacional, “[...] em especial no enfrentamento a históricos insucessos provocados por excessiva tecnocracia e ausência de diálogo com a sociedade e com os educadores.”

O sétimo artigo, de Ecléa Vanessa Canei Baccin e Eneida Oto Shiroma (UFSC), com o tema da “intensificação e precarização do trabalho docente nos institutos federais”, tratando centralmente a tese de que a expansão do ensino técnico via os institutos trouxe também, simultaneamente, a precarização do trabalho dos professores nessas instituições de ensino, utilizando para isso a compreensão de trabalho na perspectiva marxiana.

Na sequência, temos o artigo de Cláudio Márcio de Oliveira (UFMG), que relaciona a Educação Física (EF) escolar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Analisou-se os trabalhos apresentados de 2007 a 2015 no GTT Escola, buscando extrair dos trabalhos as concepções de EF e de EJA, buscando articular a disciplina com essa modalidade de ensino.

O nono artigo, de Cristiane Correia Taveira (Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), intitulado “O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez”, dialoga com a especificidade da formação de professores surdos e com todos os aparatos capazes de contribuir para uma formação qualificada desses profissionais.

O décimo artigo, “Trabalho e educação profissional e tecnológica”, de Ailton Vitor Guimarães (CEFET-MG), de abordagem marxiana, tanto no que se refere a teoria como no método, problematiza a questão do trabalho, acreditando que “[...] É possível se colocar em posição de contestação, defesa e reivindicação de melhores condições

de existência e se articular na transformação das condições atuais em que se encontra a educação no país.”

A seção *Caminhos Abertos* traz dois textos: o primeiro com o objetivo de desmistificar os conhecimentos científicos no Ensino Médio ao debater a questão controversa das células-tronco, de autoria de Regiane Zanovello (UFSM), Stéfani Dutra Mattana (UFSM) e André Boccassius Siqueira (UFRGS), experiência numa turma de 1º ano do ensino médio em uma escola de Palmeira das Missões-RS; e o segundo, de autoria de Jéssica Vitorino da Silva Terra Nova (UNEB) e Fábio Zoboli (UFS), trata do corpo – na perspectiva da semiótica e da fenomenologia – como principal experimentação do conhecimento: “O ensaio insiste na ênfase da necessidade da utilização da *Performance Art* como forma possível de estruturar e determinar a experiência do sujeito frente a um objeto a ser conhecido no âmbito das práticas pedagógicas de mediação de conhecimento.”

Antes de encerrarmos esse editorial gostaríamos de desejar muita resistência ativa em 2017 e reiterar o eco dos gritos “FORA TEMER”! Esperamos que a educação e a política não dê guarida a essa “gente hipócrita” a essa “gente estúpida” mencionada na letra da música de Gilberto Gil. Assim desejamos uma leitura crítica e propositiva de novas verdades e reflexões. E, para tanto, deixamos os versos da música/poema de Chico Buarque:

*Apesar de Você
Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu*

*Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão*

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar
Quando chegar o momento*

*Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juros, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro*

*Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
De desinventar
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar*

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa*

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente*

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etc. e tal
Lá lá lá lá laiá*

Chapecó, dezembro de 2016.

“FORÇA CHAPE”.

Maurício Roberto da Silva
Ivo Dickmann
Maria de Lourdes Bernartt

Editores